

Naquela Noite

*Adérito Silveira

A chuva tamborilava nos muros e nos zincos dos telhados. As crianças brincavam com ela nos regueiros e nos charcos...por vezes choravam quando ouviam as queixas dos homens e das mulheres, porque muita chuva e muito Inverno eram sinónimos de fome. O Inverno rigoroso lembrava aos trabalhadores do Conde de Mateus, dias que não eram ganhos e com isso a negação do pão.

Por vezes havia choros de crianças acompanhando as melopeias assustadoras do temporal. A marcha negra dos homens que iam labutar no Conde alastrava a muitas famílias condenadas a mais um dia sem trabalho. O mata-bicho na Venda da Senhora Libânia acalentava por momentos esperanças e algum futuro...

Os rostos anémicos das crianças mostravam no semblante uma sombra como prenúncio de uma vida negra. Assim como a chuva não passava, também a desgraça não fugia à inevitabilidade e parecia ficar para sempre. As barrigas nesse Inverno encolhiam e os furos nos cintos dos homens aumentavam numa analogia perfeita com as mirradas barrigas. As lareiras cresciam queimando os potes com água à espera que dentro deles caísse o milagre de uma batata ou beterraba, farinha ou couve-galega que haviam de servir também para algum animal de criação...o borralho servia de aconchego às reuniões de família que acabavam em histórias contadas pelos mais velhos que os mais novos ouviam com os olhos de espanto e boca semi-fechada. Os cigarros dos avôs lucilavam para entreter as mágoas e esquecer a fome. Nos ouvidos e nas almas atroavam as descargas do temporal.

Naquele longínquo Inverno, os trovões aclamavam-se no seu fascínio e no seu poder. As preces bichanadas ouviam-se de boca em boca entre lábios que ficavam com a forma de um fino assobio. Por vezes o eco dos fortes estrondos consumia as preces e o medo crescia de intensidade, levando a ti Carolina a correr a minha casa a implorar piedade à minha mãe que era quem lhe dava o conforto espiritual...

Naquela noite de Dezembro, a chuva puxada a vento criava tais sons que mais parecia uma orquestra misteriosa, sombria e bela ao mesmo tempo. Alguns pingos mais fortes soavam nos ouvidos como porradas de malhos...

As orações subiam de tom como mensageiras da hora de dormir...

Alguns instrumentos de sopro cobriam de sons os espaços da noite e consumiam as palavras que não queriam ser ditas. Algumas almas alimentavam-se de um certo retiro espiritual através da arte musical que tão bem conheciam: a Música.

Os homens dormiam com o pensamento no capataz do Conde para que no dia seguinte os aceitassem para um dia de trabalho. Para isso apoiavam-se no fervor de uma última oração agora mais emotiva, cristalina e santa...

As carícias da candeia a petróleo afagavam o murmúrio das últimas palavras e pensamentos. Naquela noite as pessoas à lareira lembravam ainda a morte de um velho e o seu fiozito vulgar de voz. Já há muito tempo que esse velho estava tuberculoso e a sua figura emagrecida já se deixava arrastar pela Rua da Moura. O seu depauperado e estouvado riso já soava a falso, vendo-se o seu olhar sem cor e sem luz e o seu peito tísico e descarnado denunciavam a sua morte triste e pobre...

No dia seguinte ouviam-se graças e bons-dias e um adejar de palavras soltas e simpáticas. As galinhas espanejavam-se com ternura e equilíbrio, sentindo nas pessoas uma alegria estonteante pouco habitual. Nas esquinas das casas os gatos sonolentos espreguiçam a doçura dos seus movimentos. Sente-se na aldeia a ninhada doce das pessoas e ouve-se em grande assobio a “Valsa da Viúva Alegre de Lèhar”....esse grande assobiador tinha de ser músico na Banda de Mateus e tinha um rosto e um nome grande :”Álvaro Rainho.”

No semblante das pessoas vê-se que a grande festa da família está para chegar. No coração daquele mundo já se respira o Natal com toda a sua alegria, espiritualidade e cânticos que vão proliferar por todas as ruas de Mateus.

*aderito.silveira@hotmail.com